

JOSÉ SARAMAGO

LEVANTADO DO CHÃO



CAMINHO

Ficha Técnica

Título: LEVANTADO DO CHÃO

Autor: José Saramago

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722122368

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© José Saramago e Editorial Caminho, 1980

Todos os direitos reservados.

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

*À memória de Germano Vidigal e José
Adelino dos Santos, assassinados*

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?

ALMEIDA GARRETT

O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultiva, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou o seu último fim. Não é tal o caso do trigo, que ainda com alguma vida é cortado. Nem do sobreiro, que vivíssimo, embora por sua gravidade o não pareça, se lhe arranca a pele. Aos gritos.

Não faltam cores a esta paisagem. Porém, nem só de cores. Há dias tão duros como o frio deles, outros em que se não sabe de ar para tanto calor: o mundo nunca está contente, se o estará alguma vez, tão certa tem a morte. E não faltam ao mundo cheiros, nem sequer a esta terra, parte que dele é e servida de paisagem. Se no mato morreu animal de pouco, certo que cheirá ao podre do que morto está. Quando calha estar quieto o vento, ninguém dá por nada, mesmo passando perto. Depois os ossos ficam limpos, tanto lhes faz, de chuva lavados, de sol cozidos, e se era pequeno o bicho nem a tal chega porque vieram os vermes e os insectos coveiros e enterrara-no.

É uma terra ainda assim grande, se formos comparar, primeiro em corcovas, alguma água de ribeira, que a do céu tanto lhe dá para faltar como para sobejar, e para baixo desmaia-se em terra fita, lisa como a palma de qualquer mão, ainda que muitas destas, por fado de vida, tendam com o tempo a fechar-se, feitas ao cabo da enxada e da foice ou gadanha. A terra. Também como palma de mão coberta de linhas e caminhos, suas estradas reais, mais tarde nacionais, senão só da senhora câmara, e três manifestas são elas aqui porque três é número poético, mágico e de igreja, e todo o mais deste destino está explicado nas linhas de ir e voltar, carris de pé descalço e mal calçado, entre torrões ou mato, entre restolho ou flor brava, entre o muro e o deserto. Tanta paisagem. Um homem pode andar por cá uma vida toda e nunca se achar, se nasceu perdido. E tanto lhe fará morrer, chegada a hora. Não é coelho ou ginetto para apodrecer ao sol, mas imaginando que a fome, ou o frio, ou o calor o deitem a terra onde não deram por ele, ou uma doença daquelas que não dão sequer o tempo de pensar nisso, menos ainda de chamar alguém, mesmo tarde o hão-de achar.

De guerra e outras pestes se morreu muito neste e mais lugares da paisagem, e no entanto quanto por aqui se vai vendo são vivos: há quem defenda que só por mistério insondável, mas as razões verdadeiras são as deste chão, deste latifúndio que por corcova de cima e plaino de baixo se alonga, aonde os olhos chegam. E se deste não é,

doutro há-de ser, que a diferença só a ambos importa, pacificado o teu e o meu: tudo em tempo devido e conveniente se registou na matriz, confrontações a norte e a sul, a nascente e a poente, como se tal houvesse sido decidido desde o princípio do mundo, quando tudo era paisagem, com alguns bichos grandes e poucos homens de longe em longe, e todos assustados. Por esse tempo, e depois, se resolveu o que o futuro haveria de ser, por que vias retorcidas da mão, este presente agora de terra talhada entre donos do cutelo e consoante o tamanho e o ferro ou gume do cutelo. Por exemplo: senhor rei ou duque, ou duque depois real senhor, bispo ou mestre da ordem, filho direito ou de saborosa bastardia, ou fruto de concubinato, nódoa assim lavada e honrada, compadre por filha manceba, e também o outro condestável, meio remo por contado, e algumas vezes amigos meus esta é a minha terra, tomai-a, povoai-a para meu serviço e vosso prol, guardada de infieis e outras inconformações. Livro de santíssimas horas, magníficas, e de sacratíssimas contas trazidas ao paço e ao mosteiro, rezadas nos térreos palácios ou torres de segurança, cada moeda um padre-nosso, às dez ave-maria, chegando a cem salve-rainha, maria é rei. Profundas arcas, tulhas abissais, celeiros como naus da Índia, dornas e tonéis, arcas senhora minha, tudo isto medido em côvados, varas e alqueires, em almudes, moios e canadas, cada terra com seu uso.

Correram assim os rios, quatro estações pontuais por ano, que essas estão certas, mesmo variando. A grande paciência do tempo, e outra, não menor, do dinheiro, que, tirante o homem, é a mais constante de todas as medidas, mesmo como as estações variando. De cada vez, sabemos, foi o homem comprado e vendido. Cada século teve o seu dinheiro, cada reino o seu homem para comprar e vender por morabitanos, marcos de ouro e prata, reais, dobras, cruzados, réis, e dobrões, e florins de fora. Volátil metal vário, aéreo como o espírito da flor ou o espírito do vinho: o dinheiro sobe, só para subir tem asas, não para descer.

O lugar do dinheiro é um céu, um alto lugar onde os santos mudam de nome quando vem a ter de ser, mas o latifúndio não.

Madre de tetas grossas, para grandes e ávidas bocas, matriz, terra dividida do maior para o grande, ou mais de gosto ajuntada do grande para o maior, por compra dizemos ou aliança, ou de roubo esperto, ou crime estreme, herança dos avós e meu bom pai, em glória estejam. Levou séculos para chegar a isto, quem duvidará de que assim vai ficar até à consumação dos séculos?

E esta outra gente quem é, solta e miúda, que veio com a terra, embora não registada na escritura, almas mortas, ou ainda vivas? A sabedoria de Deus, amados filhos, é infinita: aí está a terra e quem a há-de trabalhar, cresci e multiplicai-vos. Cresci e multiplicai-me, diz o latifúndio. Mas tudo isto pode ser contado doutra maneira.

Começou-lhes a chover para o fim da tarde, com o sol meio palmo acima dos cabeços baixos, à mão direita, estavam portanto as bruxas a pentear-se, que este é o tempo que escolhem. O homem fez parar o burro, e com o pé, para o aliviar da carga no teso da encosta breve, empurrou uma pedra até à roda da carroça. Esta chuva, que ideia terá dado ao regedor das celestes águas, não é da estação. Por isso há tanta poeira no caminho e alguma bosta seca ou bonicos de cavalo, que por longe de lugares habitados ninguém veio apanhar até aqui. Nenhum rapazito de cesta enfiada no braço se aventurou tão longe no rabisco do estrume natural, colhendo cuidadoso com as pontas dos dedos a esfera estaladiça, às vezes fendida como um fruto maduro. Sob a chuva, o chão pálido e quente salpicou-se de estrelas escuras, súbitas, caindo surdamente na poeira fofa, e depois uma pancada de água deu de chapa e alagou. Mas a mulher tivera tempo de tirar a criança da carroça, do côncavo que o enxergão de riscas fazia entre duas arcas. Aconchegou-a ao peito, cobriu-lhe a cara com a ponta desatada do lenço, e disse, Não acordou. De cuidados foi este o primeiro, outro logo, Vai-se molhar tudo. O homem estava a olhar para as nuvens altas, a franzir o nariz, e decidiu em seu saber de homem, Isto passa, é aguaceiro, mas por sim por não desenrolou uma das mantas, estendeu-a por cima dos móveis, Logo hoje havia de chover, raios partam.

Um rufo de vento fez correr as gotas agora esparsas. O burro sacudiu com força as orelhas quando o homem lhe assentou uma palmada no lombo, deu um esticão aos varais, e o homem ofereceu sua ajuda empurrando na roda. Recomeçaram a subir a pequena ladeira. A mulher seguia atrás, com o filho ao colo, e gostosa do sossego do infante espreitou-lhe o rosto, murmurando, Meu menino. De um lado e do outro do caminho carreteiro, a terra era de mato, com algumas azinheiras perdidas e sufocadas até meio tronco, ao abandono ou acaso ali nascidas. As rodas da carroça calcavam a terra molhada, faziam um ruído áspero de trituração, e de vez em quando batiam uma pancada bruta, de ressalto, se uma pedra levantava o ombro. Os móveis rangiam debaixo da manta. O homem, ao lado do burro, com a mão direita pousada no varal, seguia calado. E assim chegaram ao alto da encosta.

Do sul, ao encontro deles, vinha uma enorme massa de nuvens, densa e enrolada, sobre a planície cor de palha. O caminho mergulhava a direito, mal definido entre os valados que se esboroavam, rasoira dos pelos ventos do descampado. Ao fundo, ia juntar-se a uma estrada larga, maneira ambiciosa de dizer em terras de tão má serventia. Para a esquerda, quase no roço do horizonte rebaixado, uma pequena povoação virava a poente as paredes brancas. A planície era imensa, como já foi dito, lisa, arrasada, raras azinheiras isoladas ou aos pares, e pouco mais. Daquela pequena

altura, não era difícil acreditar que o mundo não tem fim conhecido. E a povoação, lugar de destino, vista dali, à luz amarelada e sob a grande placa de chumbo das nuvens, parecia inatingível. São Cristóvão, disse o homem. E a mulher, que nunca viajara tanto para o sul, Monte Lavre é maior, pareceu só um dizer de comparação, seria talvez saudade.

Iam a meio da encosta quando a chuva voltou. Caíram primeiro umas bagadas grossas, ameaça de cordas de água, onde é que já ia o aguaceiro. Depois o vento rapou a planície, varejou-a toda como uma vassoura, levantou a palha e o pó, e a chuva avançou do horizonte, cortina parda que em pouco tempo ocultou a paisagem distante. Era uma chuva regular, daquelas que vêm para muitas horas, caindo e alagando, chegou e não se vai embora, e quando a terra já não pode com tanta água, nem cuidamos de saber se é o céu que nos molha, se a terra que nos encharca. O homem tornou a dizer, Raios partam, são os desabafos da humanidade quando outros de melhor consonância se não aprenderam. Estão longe os abrigos, mesmo sem horta nas costas, não há outro remédio que receber nelas quanta chuva caia. Dali à povoação, com este passo de burro que vem cansado e vai de pouca vontade, não será menos de uma hora de caminho, e entretanto se fará noite. A manta, que mal protege os móveis, escorre, empapada, pinga-lhe a água dos fios brancos, como estarão por baixo as roupas dentro das arcas, os parcos bens migratórios desta família que por suas razões vai atravessando o latifúndio. A mulher olha o céu, é um jeito antigo e rural de ler esta grande página aberta sobre a nossa cabeça, agora a ver se estava aclarando o ar, e não estava, antes mais carregado de tinta escura, não temos outra tarde. A carroça corre lá adiante, é um barco a dar de bordo no dilúvio, vai cair tudo, parece que de propósito o homem está sovando o burro, e é só a pressa de alcançar aquela azinheira, sempre nos resguardamos da maior. Já lá chegaram, homem, carroça e burro, e ainda a mulher aqui vai, patinhando na lama, não pode correr, acordaria a criança, assim é o mundo feito que não se apercebem uns do mal dos outros, mesmo quando tão perto estão como mãe e filho.

Debaixo da azinheira, o homem abria gestos grandes de braços, impaciente, bem se vê que não sabe o que é trazer um filho ao colo, melhor fará cuidando de esticar as cordas, que com este correr certamente se deslaçaram os nós ou escorregaram os móveis, era o que faltava partir-se o pouco que temos. Debaixo da árvore chove menos, mas caem grossos pingos das folhas, nem isto é copa de laranjeira, estes enormes e desgarrados braços, é como estar sob um alpendre todo esburacado, não sabe uma pessoa onde pôr-se, e ainda bem que a criança começou a chorar, sempre é um trabalho mais urgente, desapertar a blusa, dar-lhe o peito já de pouco leite, pouco mais do que o engano da boca. Cortou-se-lhe o choro em meio e à boa paz ali estiveram mãe e filho, envolvidos no largo rumor da chuva, enquanto o pai dava volta à carroça desfazendo e tornando a fazer os nós, fincando o joelho nos taipais para puxar as cordas, enquanto o burro, alheado, sacudia as orelhas com força e olhava as poças de água e o enxurro do caminho. Então o homem disse, Quase a chegarmos, e logo veio esta chuva, foram palavras de zanga mansa, lançadas com desprazer mas

sem esperança, não será por me enfadar a mim que a chuva irá parar, é um dito do narrador, que bem se dispensava. Atenda-se antes ao movimento do pai, que enfim pergunta, E o menino, e se aproxima, espreita sob a dobra do xale, são liberdades de marido, mas tão depressa a mulher de recato se tapou, que ele não pôde saber se realmente quisera ver o filho, ou o seio exposto. Porém, distinguira, na tépida penumbra, na cheirosa mornidão das roupas amarrotadas, fitando-o lá daquele dentro íntimo, o olhar muito azul do filho, insólita luz clara que do berço costumava fitá-lo, transparente e severa, como alguém que exilado se sentisse entre olhos escuros, castanhos, em que família vim nascer.

A nuvem grossa desmanchara-se um pouco, quebrara-se o primeiro ímpeto da chuva. O homem saiu ao caminho, interrogou os ares, virou-se aos quatro pontos cardiais, e disse à mulher, Temos de ir, não podemos ficar aqui até à noite. E a mulher respondeu, Vamos. Puxou o bico do peito à boca do filho, a criança sugou em falso, pareceu que ia chorar, mas não, esfregou a cara no seio já recolhido e, suspirando, adormeceu. Era um menino sossegado, de bom feitio, amigo da sua mãe.

Agora iam juntos, calhados com a chuva, tão molhados que nem mesmo um palheiro confortável os faria parar, só em casa. A noite precipitava-se, vinha depressa. A poente apenas havia uma última luz baça que enfim se avermelhava, e ainda lá estava já se apagara, tornou-se a terra como um poço negro, silenciosa e cheia de ecos, como é grande o mundo nesta hora do anoitecer. O ranger das rodas ouviu-se melhor, a respiração do animal, sacudida, era tão inesperada como um segredo subitamente dito em voz alta, e até o roçar das roupas molhadas parecia uma conversação seguida, murmurada, sem pausas, um falar de boa companhia. Em todas aquelas léguas ao redor, não se via uma luz. A mulher persignou-se, fez o sinal da cruz sobre o rosto do filho. A estas horas é melhor que se defenda o corpo e se proteja a alma, começam a vir aos caminhos as assombrações, passam num remoinho ou sentam-se numa pedra à espera do viajante a quem farão as três perguntas para que não há resposta, quem és, donde vens, para onde vais. O homem que segue ao lado da carroça gostaria de cantar, mas não pode, todo o esforço se lhe gasta em fingir que não o assusta a noite. Já falta pouco, disse, chegando à estrada, é tudo a direito e melhor caminho.

Em frente deles, muito distante, um clarão iluminou as nuvens, ninguém adivinharia que estavam tão baixas. Depois, a pausa, e enfim o atroar surdo do trovão. Só faltava isto. Disse a mulher, Valha-nos Santa Bárbara, mas a trovoada, se não era um resto da que por muito longe andara, parecia seguir outro rumo ou Santa Bárbara aqui invocada a espantara para lugares de menos fé. Estavam já na estrada, sabiam-no porque era mais largo caminho, que outras diferenças só com grande paciência e luz de dia se encontrariam, de buracos e lama vinham, sobre buracos e lama andavam, e agora, tão escuro fazia, nem se podia ver onde os pés pousavam. O burro avançava por instinto, acompanhando o valado. Homem e mulher patinhavam atrás. Lá de vez em quando, o homem dava uma corrida meio às cegas, se a estrada fazia uma curva, para adivinhar São Cristóvão. E foi quando entre a escuridão alvejaram os primeiros muros, que a chuva, de súbito, parou, tão bruscamente que mal se aperceberam. Chovia, e deixara

de chover. Como se um grande telheiro se estendesse sobre a estrada. Está bem que a mulher pergunte, Onde é a nossa casa, são ansiedades de quem já lhe tarda tratar de um filho e, podendo ser, colocar os móveis em seus sítios, antes de na cama estender o corpo cansado. E o homem responde, Do outro lado. Estão todas as portas fechadas, só por algumas frinchas de luz mortiça se tem notícia de habitantes. Num quintal qualquer ladrrou um cão. É o costume, há sempre um cão que ladra quando passa alguém, e os outros, que talvez confiados estivessem, pegam na palavra da sentinela e cada qual de cão faz sua obrigação. Um postigo foi aberto e logo fechado. E agora que a chuva parara e a casa está perto, melhor houve de sentir-se este vento frio que correu toda a rua, se engolfou pelas pequenas travessas laterais, sacudiu ramadas que passavam acima dos telhados baixos. A noite, efeito do vento, ficou mais clara. A grande nuvem afastava-se e agora o céu luzia aqui e além. Já não chove, disse a mulher ao filho que dormia e era, dos quatro, o único que ainda não sabia a boa notícia.

Havia um largo, umas árvores que ramalhavam, bruscas. O homem parou a carroça, disse à mulher, Espera aí, e atravessou por baixo das árvores, na direcção duma porta iluminada. Era uma taberna e lá dentro estavam três homens sentados num escano, outro a beber ao balcão, segurando o copo entre o polegar e o indicador, assim como se estivesse parado para um retrato. E atrás do balcão um velho magro, seco, virou os olhos para a porta, era o homem da carroça que entrava e dizia, Boas noites a toda a companhia, esta é a saudação de quem chega e quer amizade de quantos sejam, por fraternidade ou interesse de negócio, Venho viver aqui em São Cristóvão, chamo-me Domingos Mau-Tempo e sou sapateiro. Disse um dos homens sentados sua graça, Mau tempo trouxe vossemecê, e o outro que bebia estava no fim do copo, deu um estalo com a língua e acompanhou, Não traga ele más solas, e os mais riram porque havia de quê e a propósito. Não seriam palavras de mal querer ou mal receber, é noite em São Cristóvão, todas as portas estão fechadas, e se chega um estranho que tem nome de Mau-Tempo, só um tolo não aproveita, demais tendo chovido. Domingos Mau-Tempo juntou aos risos um sorriso de pouca vontade, mas enfim. Valeu abrir o velho uma gaveta e tirar de lá uma chave grande, Tem aqui a chave, já estava a cuidar que não viesse, estão todos a olhar para Domingos Mau-Tempo, a avaliar o novo vizinho, um sapateiro faz sempre arranjo e São Cristóvão estava precisado. Deu Domingos Mau-Tempo sua explicação, É longe de Monte Lavre aqui, choveu-me no caminho, enfim não teria que dar contas da sua vida, mas convém-lhe a simpatia e então diz, Pago um copo a todos, é uma boa e sabida maneira de chegar aos bolsos do coração. Levantam-se os que estavam sentados, assistem ao encher dos copos, é uma cerimónia, e depois, sem precipitação, toma cada qual o seu, num gesto lento e cuidadoso, isto é vinho, não é aguardente que se atire para a goela. Beba também o meu senhorio, diz Domingos Mau-Tempo, e o velho responde, À sua saúde, meu inquilino, é um taberneiro sabedor dos usos sociais das grandes vilas. E estão nestas contumélias quando a mulher se chega à porta, não entra, a taberna é sítio para homens, e diz brandamente, conforme o seu costume, Domingos, o menino está inquieto, e as coisas, tudo molhado, tem que se

descarregar.

Boas razões são as dela, mas Domingos Mau-Tempo não gostou de ser chamado pela mulher à frente de homens, o que é que vão pensar, e enquanto atravessa o largo vai ralhando, Se tornas a fazer isto, zango-me. Não respondeu a mulher, ocupada a sossegar o menino. A carroça seguia à frente, aos solavancos, devagar. O burro, com o frio, entorpecera. Meteram por uma travessa onde as casas alternavam com quintais, e parou diante de um casinhoto baixo. É aqui, perguntou a mulher, e o marido respondeu, É.

Com a grande chave, Domingos Mau-Tempo abriu a porta. Para entrar, tiveram de curvar-se, isto não é nenhum palácio de altos portões. A casa não tinha janela. À esquerda era a chaminé, de lareira rente ao chão. Domingos Mau-Tempo petiscou lume, soprou um punhado de palha e pôs-se a girar o fugaz archote para que a mulher visse a nova habitação. Havia lenha ao canto da chaminé. Isso bastava. Em poucos minutos, a mulher deitou o filho a um canto, juntou gravetos e achas, e o lume estalou, abriu-se sobre a parede de cal. A casa então ficou habitada.

Pela cancela do quintal, Domingos Mau-Tempo fez entrar o burro e a carroça e começou a descarregar a mobília, a metê-la para dentro de casa, sem arrumar, até que a mulher pôde ir ajudá-lo. O enxergão estava molhado de um lado. A água entrara na arca da roupa, a mesa da cozinha tinha uma perna partida. Mas havia uma panela ao lume com umas folhas de couve e uns bagos de arroz, o menino tornara a mamar e adormecera no lado seco do enxergão. Domingos Mau-Tempo foi ao quintal para uma necessidade. E no meio da casa, Sara da Conceição, mulher de Domingos, mãe de João, ficou atenta, olhando o lume, como quem espera que um recado mal entendido se repita. No seu ventre houve um pequeno movimento. E outro ainda. Mas quando o marido entrou, não lhe disse nada. Tinham mais em que pensar.

Domingos Mau-Tempo não chegará a velho. Um dia, quando já tiver feito cinco filhos à mulher, mas não por essa razão tão comum, passará uma corda pelo ramo duma árvore, num descampado quase à vista de Monte Lavre, e enforcar-se-á. Entretanto, andou com a casa às costas por outros lugares, fugiu por três vezes à família e da última não pôde tomar às boas pazes porque tinha chegado a sua hora. Fim desgraçado lhe futurara o sogro Laureano Carranca quando teve de ceder à teimosia de Sara, enquerençada ao ponto de jurar que se não casasse com Domingos Mau-Tempo, não casaria com ninguém. Bem clamou Laureano Carranca em suas cóleras, É um landim relaxado, com fama de bêbedo e que mal acabará. Andava nisto a guerra familiar, eis que Sara da Conceição apareceu grávida, argumento derradeiro e em geral eficaz quando os da persuasão e imploração se gastaram. Certa manhã, Sara da Conceição saiu de casa, era Maio o mês, e atravessou os campos até ao lugar onde combinara encontrar-se com Domingos Mau-Tempo. Ali estiveram nem tanto como meia hora, deitados entre o trigo alto, e quando Domingos regressou às suas formas e Sara a casa dos pais, ele ia assobiando de comprazido e ela tremia como se o sol não queimasse já. E, quando atravessou a ribeira a vau, teve de ir agachar-se e lavar-se debaixo duns salgueiros porque o sangue não parava de escorrer-lhe pelas pernas.

João foi feito, ou, para biblicamente falar, concebido, nesse mesmo dia, o que, segundo parece, é raro, pois da primeira vez, por razões do desconcerto da ocasião, não costuma a semente pegar, só depois. E é certo que os seus olhos azuis, que ninguém na família tinha ou se lembrava de ter visto em parente chegado ou afastado, grande espanto causaram, senão suspeita, sabemos nós que injusta esta era em mulher que só para rectamente casar se desviara do direito caminho das virgens e fora deitar-se no meio duma seara de trigo com aquele único homem, abrindo de sua vontade as pernas, com muito sofrimento. Já de vontade não fora aquela outra rapariga, quase quinhentos anos antes, que estando um dia sozinha na fonte a encher sua infusa, viu chegar-se um daqueles estrangeiros que viera com Lamberto Horques Alemão, alcaide-mor de Monte Lavre por mercê do rei Dom João o primeiro, gente de falar desentendido, e que, desatendendo aos gritos e rogos da donzela, a levou para uma espessura de fetos onde, a seu prazer, a forçou. Era um galhardo homem de pele branca e olhos azuis, que não tinha outra culpa que o atizado do sangue, mas ela não foi capaz de lhe querer bem e sozinha pariu como pôde ao fim do tempo. Assim, durante quatro séculos estes olhos azuis vindos da Germânia apareceram e desapareceram, tal como os cometas que se perdem no caminho e regressam quando com eles já se não conta, ou simplesmente porque ninguém cuidou de registar as passagens e descobrir a sua regularidade.

Está a família na sua primeira mudança. Vieram de Monte Lavre a São Cristóvão em dia de Verão que acabou chuvoso. Atravessaram todo o concelho de norte a sul, que ideia teria dado na cabeça de Domingos Mau-Tempo mudar-se para tão longe, este homem é um remendão, um landim relaxado, mas em Monte Lavre já a vida se lhe ia dificultando, era o vinho e alguns tratos de mão canhota, Senhor sogro, empreste-me a sua carroça e o seu burro, que eu vou viver para São Cristóvão, Pois vá e veja se cobra juízo para seu bem, de sua mulher e filho, e traga-me depressa o burro e a carroça, que me fazem falta. Vieram atalhando caminho, por carreteiros, aproveitando quando podiam a estrada real, mas logo para encurtar metendo ao campo, pelo sopé dos cabeços. Almoçaram à sombra duma árvore, e Domingos Mau-Tempo emborcou uma garrafa de vinho que se perdeu com o suor da jornada. Viram Montemor de longe, a banda esquerda, e continuaram para o sul. Choveu-lhes a uma hora de São Cristóvão, foi um dilúvio de mau prenúncio, mas hoje o dia está de sol e Sara da Conceição, sentada no quintal, ponteia uma saia, enquanto o filho, ainda pouco seguro nas pernas, vai tentando ao longo da parede da casa. Domingos Mau-Tempo foi a Monte Lavre levar o burro e a carroça ao sogro e dizer que estão a morar numa boa casa, que já os fregueses começaram a ir bater-lhe à porta, não faltará o trabalho. Tornará no dia seguinte, por seu pé, queira Deus não se embebede, que ele não é homem ruim, tem este defeito da bebida, mas, Deus querendo, há-de tomar caminho, que outros casos se têm visto piores e ganham emenda, tem de ser assim, se há justiça na terra, com este filho pequeno e outro para vir, um pai que se respeite, que eu por mim faço o que posso para termos um bom viver.

João chegou ao fim da parede, onde começa a cerca de paus a pique. Agarra-se com

firmeza, mais sólido de braços do que de pernas, espreita para fora. O seu horizonte é curto, uma faixa de rua enlameada, com poças de água que reflectem o céu, e um gato amarelo esparramado na soleira em frente, a apanhar o sol na barriga. Um galo canta em qualquer parte. Ouve-se uma voz de mulher gritar, Maria, e outra voz de quase criança responde, Senhora. E depois o silêncio do grande calor que recomeça, não tarda que as lamas endureçam e voltem ao pó que foram. João solta-se da cerca, basta por agora de paisagem, faz uma difícil meia-volta e recomeça a sua longa caminhada na direcção da mãe. Sara da Conceição dá por ele, pousa a costura no regaço, estende os braços para o filho, Vem cá, meu menino, vem cá. Os braços dela são como dois valados protectores. Entre eles e João há um mundo confuso, inseguro, sem começo nem fim. O sol desenha no chão uma sombra hesitante, uma hora trémula que avança. É um ponteiro no latifúndio.

Quando Lamberto Horques Alemão subia ao eirado do seu castelo, não lhe chegavam os olhos para tanto ver. Era senhor da povoação e seu termo, dez léguas de comprido e três de largo, com franqueza e liberdade de tributo, e embora tivesse recebido o encargo de povoar a terra, não foi por seu mandado que na fonte foi a moça forçada, mas tendo assim calhado, melhor. Ele próprio, ali com sua mulher honrada e já seus filhos, haveria de espalhar semente aonde lhe aprouvesse, por gozo vagante de seu sentido, Que esta terra assim desabitada não pode estar, pois de um lado ao outro do senhorio se contam pelos dedos os lugares e pelos cabelos da cabeça os matos de brava natureza, Sabei, senhor, que estas mulheres são escuras, restos danados da mourisca, e os homens calados e às vezes vingativos, ademais que não vos chamou el-rei nosso senhor para fecundardes e procriardes como Salomão, mas para que cuidásseis da terra e a regêsseis, em modo de a ela vir gente e nela se fixar, Isso faço e farei, e quanto mais me aprouver, que minha é a terra e quanto nela há, porém não hão-de as gentes ser de mais que embaracem e causem alvoroço, como já antes se viu, Tendes razão, senhor, e quanta, aprendida nessas frias terras donde viestes, onde muito mais se sabe que neste desterro ocidental do mundo, Pois que enfim comigo concordais, falemos agora dos tributos que é mister lançar nas terras de meu senhorio e alcaidaria. Episódio menor da história do latifúndio.

Este sapateiro é remendão. Deita tombas, cardeia, remancha a obra quando lhe falta o apetite do trabalho, larga formas, sovela e faca de ofício para ir à taberna, questiona com os fregueses impacientes, e por tudo isto bate na mulher. Por deitar tombas e cardear, por isso também, que dentro de si não consegue encontrar paz, é um homem frenético que ainda bem não está sentado, já pensa em levantar-se, ainda bem não chegou a uma terra, já pensa noutra. É um filho do vento, um maltês, Domingos do seu mau tempo, que volta da taberna e entra em casa aos bordos de parede a parede, de má mente olha para o filho, e porque não me deste aquela palha, mulher malvada, toma para aprenderes. E torna a sair, vai ao vinho, de gorra e alforje com os compadres, deite isso ao rol, senhor senhorio, pois cá vai, senhor inquilino, mas olhe lá que a conta está carregada, pois que tem, sou homem de boas pagas, nunca a dever fiquei nem cinco réis furados. E não foi uma nem duas vezes que Sara da Conceição, tendo deixado o filho na vizinha, se meteu dentro da noite à procura do marido, reбуçando as lágrimas no lenço e na escuridão, de taberna em taberna, que em São Cristóvão não eram muitas, mas de mais, e sem entrar, de largo buscava com os olhos, e se o marido estava, ali se punha na sombra, apenas à espera, como outra sombra. E também aconteceu dar com ele perdido no caminho, sem tino da casa, deixado pelos amigos, e então o mundo ficava de repente bonito, porque Domingos Mau-Tempo, de gratidão por ser encontrado em desertos de assustar, entre cordões de afantasmas, lançava um braço sobre o ombro da mulher e deixava-se levar como criança que provavelmente continuava a ser.

E um dia, porque o trabalho crescia e os braços não davam vencimento, Domingos Mau-Tempo contratou um ajudante, mais vagar assim se oferecendo para os seus gostos de maltesia, mas depois, em outro dia de má lembrança, entrou-lhe na cabeça que a mulher, pobre Sara da Conceição inocente, o enganava nas ausências, e foi o acabar do mundo em São Cristóvão, que o ajudante sem culpa teve de fugir à ponta de faca, e Sara, grávida no fim, de legítima gravidez, sofreu todos os vexames da via dolorosa, e a carroça voltou a ser carregada, mais uma ida a Monte Lavre, tanto andar, Senhor sogro, de saúde estamos bem, sua filha e neto felizes, e outro para nascer, mas agora arranjei melhor vida em Torre da Gadanha, vive lá meu pai, que dará ajuda. E outra vez para o norte peregrinaram, mas à saída de São Cristóvão estava o senhorio à espera, Alto aí, Mau-Tempo, que me estás a dever da casa e do vinho que bebeste, e se não pagas, eu e estes meus dois filhos que aqui vês te faremos pagar, ou perdes a vida.

Foi a viagem curta, e ainda bem, porque mal Sara da Conceição pôs o pé em casa, ali lhe nasceu o filho, que veio a ser Anselmo, não se sabe porquê. De berço foi esta criança bem servida porque o avô, o paterno, era carpinteiro de ofício e teve muito em

gosto ir nascer-lhe ali o neto, quase porta com porta. Era mestre de obra rústica, sem oficial nem aprendiz, também sem mulher, e vivia entre barrotes e tábuas, perfumado de serradura, praticando um vocabulário particular de ripa, galeota e fasquia, de malhete e enxó. Homem grave e de pouco falar, não se perdia com o vinho e por isso olhava mal-encarado o filho que lhe desacreditava o nome. Não teve, consoante seria de esperar, sabidos os antecedentes de Domingos Mau-Tempo, muito vagar para ser avô. Ainda lhe chegaram os dias para ensinar ao neto mais velho que um certo martelo era de orelhas e que isto é plaina e isto formão, mas Domingos Mau-Tempo não podia suportar-lhe nem as palavras nem o silêncio, e ala que se faz tarde, para a Landeira, no extremo poente do concelho, como um pássaro que se atira de peito contra os ferros da gaiola, que prisão é esta na minha alma, com trinta demónios. E outra carroça, agora com um macho a puxar, mas desta vez alugados por bom dinheiro, que já o sogro haveria de estranhar tantas andanças e tão poucas seguranças, melhor seria calar e mandar dizer depois. Homem, que não temos sossego nem assento, de um lado para o outro como o judeu errante, com estas crianças pequenas, é uma aflição, Cala-te aí, mulher, que eu bem sei o que faço, na Landeira é boa gente, há trabalho que compense, e eu sou homem de arte, não ando agarrado ao rabo da enxada como teu pai e teus irmãos, aprendi ofício e sou capacitado, Não digo que não, homem, não digo que não, sapateiro eras quando casei contigo e assim te quis, mas quem dera que tivéssemos paz e se acabasse este desassossego. Que dos maus tratos não falou Sara da Conceição, nem justo era que falasse, porque Domingos Mau-Tempo caminhava para a Landeira como para o paraíso e levava às cavaleiras o filho mais velho, segurava-o pelos tornozelos tenros, sujitos pois claro, que importância tinha. Mal lhe sentia o peso nos ombros que o puxar da linha dobrada reforçara de músculos e tendões de ferro. Com o macho atrás, trope-trope, um solzinho de manta aconchegada, até Sara da Conceição tinha arranjado lugar na carroça. Mas quando chegaram à nova casa, viram que os trastes mostravam mais graves danos, Por este andar, Domingos, ainda acabamos sem móveis. Foi na Landeira que João, já servido de padrinhos em Monte Lavre, arranjou padrinho novo e mais cabível. Era ele o padre Agamedes, que, por viver com uma mulher que dizia ser sua sobrinha, lha deu também por madrinha emprestada. Não faltavam portanto benesses ao infante, tão protegido agora no céu como defendido na terra estivera até aí. E mais ainda quando Domingos Mau-Tempo, aliciado pelo padre Agamedes, tomou deveres de sacristão, ajudando na missa e nos enterros, que por mercê disto é que o padre compadrou com ele e a João afilhou. Ao recolher-se ao seio da igreja, não teve Domingos Mau-Tempo mais fito que encontrar motivo respeitável de folga ao trabalho e refrigério para as suas persistentes inquietações de vagamundo. Mas Deus o premiou em tanto o viu no seu altar, fazendo lerdamente os aprendidos passes do ritual, e foi que sendo o padre Agamedes bom estimador de vinho, ali se encontraram oficiante e acólito nesse outro sacrifício. Tinha o padre Agamedes, não longe da igreja, uma tenda de comércio, que nas horas vagas das obrigações sacerdotais administrava, e quando não, descia a sobrinha ao térreo e atrás do balcão governava o negócio terreno da família. Domingos Mau-Tempo

passava e bebia um copo, tomava a passar e bebia outro, enquanto o padre não vinha para beberem juntos. Deus vivia com os anjos.

Mas todos os céus têm os seus luciferos e todos os paraísos as suas tentações. Deu Domingos Mau-Tempo em pôr olhos cobiçosos na sua comadre, que, ofendida nos brios de sobrinha, disse meia palavra suficiente ao tio, e isto bastou para que se instalasse o mau viver entre os dois servos da santa madre igreja, um de seu direito, outro de passagem. Não ousou o padre Agamedes usar de franqueza que pudesse autorizar os sabidos maus pensamentos dos paroquianos que duvidavam do parentesco, mas firmou-se no estado de casado do ofensor para afastar a ameaça à sua honra. Privado do pipo fácil, escarmentado no seu arrastar de asa e gáspea, Domingos Mau-Tempo clamou em casa que havia de tirar vingança do padre. De quê a vingança, não disse, nem Sara da Conceição perguntou. Vivia sofrida e calada.

Tinha a igreja poucos fregueses e nem todos constantes. Não dava remédio a males, do que enfim não tinha obrigação, uma vez que também os não aumentava que se visse. Não estava aí o defeito. A debilidade da acção apostólica não estimulava as devoções, não tanto por viver o padre Agamedes assobrinhado ou comerciar em secos e molhados, que só quem não é povo ignora o que são precisões, mas por maltratar o missal, despachar neófitos, nubentes e defuntos com a mesma truculência com que matava e comia o seu porco e com muito menos atenção à letra do templo e ao seu espírito. São melindres populares. Soube por isso Domingos Mau-Tempo como havia de encher a igreja gloriosamente. Que a próxima missa ia ser coisa fina, que o padre Agamedes prevenira que daqui por diante iria apurar-se nos sacros preceitos, nas pausas sublimes e nos garganteios, tolo seria quem à prática faltasse, não viesse depois queixar-se. Pasmou o padre Agamedes quando viu a nave cheia. Não era dia de orago nem a seca tanta que se precisasse duma intervenção celeste. Mas calou. Se as ovelhas vinham por seu pé ao redil, melhores contas daria o pastor a seu amo. Contudo, por não parecer ingrato, aprimorou-se e, sem o saber, confirmou Domingos Mau-Tempo no seu pregão. Mas o sapateiro arvorado em sacristão, e já com outra viagem na mente, tinha o golpe preparado. Na altura de tocar a santos, nos cumprimentos da missa, levantou serenamente a campainha e agitou-a. Foi o mesmo que acenar com uma pena de galinha. Os fiéis terão começado por julgar que ali se instalara uma surdez geral, alguns, pelo hábito do gesto, curvaram-se, outros ficaram a olhar desconfiados, enquanto Domingos Mau-Tempo, em completo, dramático silêncio, continuava a remexer a campainha, mostrando um rosto de inocente. Estranhou o padre, rumorejaram os fiéis, chegaram a rir-se os mais novos. Uma vergonha, com os santos todos a olhar, e Deus que tudo vê. Não se conteve então o padre Agamedes e, interrompido ali o sacrifício por mor de maior urgência, deitou mão à campainha, meteu a outra dentro, apalpou. Não havia badalo. E não cai um raio que castigue a impiedade. Terrível em seu religioso furor, deu o padre Agamedes um safanão de mão grossa a Domingos Mau-Tempo, ali no sagrado recinto, como é possível. Mas Domingos Mau-Tempo deu troco imediato como se continuasse a ajudar à missa. E não tardou que paramentos de padre e opa de sacristão se envolvessem em turbilhão

confuso, qual de baixo, qual de cima, sacrilegamente rolando nos degraus do altar, amachucando as costelas, sob a circular mirada da custódia. Subiu o povo a separar os poderes desavindos e houve ali quem se aproveitasse do enredo de pernas e braços para matar uma sede antiga, para um lado ou para o outro. As velhas haviam-se juntado a um canto, rezando a toda a corte celestial, e tendo enfim cobrado forças físicas e ânimo espiritual, avançaram sobre o altar para salvar o seu padre, ainda que indigno. Foi, para tudo dizer em poucas palavras, o triunfo da fé.

No dia seguinte, Domingos Mau-Tempo saía da terra com um cortejo ruidoso de garotos que o acompanharam, mais à família, até aos ermos. Sara da Conceição baixava a cabeça, de vergonha. João deitava para fora o seu severo olho azul. O outro menino dormia.

Então chegou a república. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos de metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A república veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, se o havia, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que sempre foi o mais fácil. O trono caíra, o altar dizia que por ora não era este reino o seu mundo, o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil réis, dez vezes a jorna de um homem.

Viva a república, Viva. Patrão, quanto é o jornal agora, Deixa ver, o que os outros pagarem, pago eu também, fala com o feitor, Então quanto é o jornal, Mais um vintém, Não chega para a minha necessidade, Se não quiseres, mais fica, não falta quem queira, Ai minha santa mãe, que um homem vai rebentar de tanta fome, e os filhos, que dou eu aos filhos, Põe-nos a trabalhar, E se não há trabalho, Não faças tantos, Mulher, manda os filhos à lenha e as filhas ao rabisco da palha, e vem-te deitar, Sou a escrava do senhor, faça-se em mim a sua vontade, e feita está, homem, eis-me grávida, pejada, prenhe, vou ter um filho, vais ser pai, não tive sinais, Não faz mal, onde não comem sete, não comem oito.

Então, porque entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as pareças eram todas, porque os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome, houve aí trabalhadores que se juntaram, inocentes, e foram ao administrador do concelho pedir melhores condições de vida. Alguém de boa letra lhes redigiu a petição, notando as novas alegrias portuguesas e esperanças populares filhas da república, muita saúde e fraternidade, senhor administrador, cá ficamos à espera da resposta. Despedidos os suplicantes, Lamberto Horques sentou-se no seu cadeirão hanseático, profundamente meditou sobre o que conviria ao bem das fazendas, a sua própria e a pública administrada, e, tendo corrido os olhos pelas cartas onde estavam marcadas as herdades, assentou o dedo na mais bem provida de gente e chamou o comandante da guarda. Pertencera este à polícia civil, e era uma marcial figura no seu uniforme novo, de memória curta e portanto já deslembado do tempo em que usara a fita azul e branca na manga esquerda. Por seu zelo e vigilância soubera Lamberto que os camponeses andavam agitados, protestavam contra as geiras e outras servidões, reclamavam contra o mau passadio a que eram condenados por impostos e tributações várias, o que, enfim, mais ou menos se exprimia na petição em tom de comedimento, talvez para disfarçar outras piores intenções. Por todas as herdades corria um vento mau de insurreição, um rosnar de lobo acuado e faminto que grande dano causaria se viesse a transformar-se em

exercício de dentes. Havia pois que dar um exemplo, uma lição. Terminada a conferência, recebidas as ordens, retirou-se o tenente Contente, deu de pala e calcanhares, e na parada mandou tocar a bota-sela. Ali se aprumou a guarda nacional republicana, de sabre ao lado e rédea tesa, brilhante de arreios, bigode e crina, e tendo chegado Lamberto à janela da câmara, saudou a guarda a autoridade e fez esta adeuzinho com as pontas dos dedos, reunindo assim num só gesto affecto e disciplina. Feito o que a seus aposentos se recolheu e mandou chamar sua esposa, com quem folgou.

Eis que voa a guarda nacional republicana por esses campos fora. Vão a trote, a galope, bate-lhes o sol nas armaduras, fraldejam as gualdrapas nos joelhos das bestas, ó cavalaria, ó Roldão, Oliveiros e Ferrabrás, ditosa pátria que tais filhos pariu. À vista está a herdade escolhida, e o tenente Contente manda desdobrar o esquadrão em linha de carga, e, à ordem do cornetim, a tropa avança lírica e guerreira, de sabre desembainhado, a pátria veio à varanda apreciar o lance, e quando os camponeses saem das casas, dos palheiros, dos lugares do gado, recebem no peito o peitoral dos cavalos e nas costas por enquanto as pranchadas, até que Ferrabrás, excitado como boi picado de mosca, roda o punho do sabre e cerce corta, talha, pica, cego de raiva, porquê não sabe. Ficaram os camponeses estendidos naquele chão, gemendo suas dores, e recolhidos aos casebres não folgaram, antes cuidaram das feridas o melhor que puderam, com grande gasto de água, sal e teias de aranha. Mais valia morrer, disse um. Só quando a hora chegar, disse outro.

Já lá vai adiante o esquadrão da guarda, amorosa filha desta república, ainda os cavalos tremem e a espuma fica pelo ar em flocos repartida, e agora passa-se à segunda fase do plano da batalha, é ir por montes e montados em rusga e caça aos trabalhadores que andam incitando os outros à rebelião e greve, deixando os trabalhos agrícolas parados e o gado sem pastores, e assim foram presos trinta e três deles, com os principais instigadores, que deram entrada nas prisões militares. Assim os levaram, como a récuca de burros albardados de açoites, pancadas e dichotes vários, filhos da puta, vê lá onde é que vais dar com os cornos, viva a guarda da república, viva a república da guarda. E iam presos os camponeses, cada um em suas cordas, e todos a uma corda só, como galés, que isto tem de se compreender, pois são histórias de épocas bárbaras, do tempo de Lamberto Horques Alemão, século quinze, não mais.

E a Lisboa, quem vai levar a Lisboa os cabeças de motim? Sai infantaria dezassete, um tenente dela, também Contente, e dezoito praças, pela calada do comboio da noite, trinta e oito olhos para vigiar cinco trabalhadores rurais acusados de sedição e incitamento à greve. Vão ser entregues ao governo, informa o nosso solícito correspondente, este governo é uma misericórdia, um mãos largas para entregas tais. E é outra vez Maio, senhores. Lá vai o comboio, lá vai, lá vai ele a assobiar, lá vão os cinco rurais, ao Limoeiro penar. Nestas barbarescas eras andam os comboios devagar, param nos descampados sem nenhum motivo que se saiba, talvez um apeadeiro de emboscada e morte súbita, e a carruagem fechada em que são transportados os malfeitores vai de cortinas corridas, se há cortinas em tempo de Lamberto Horques, se

tais desvarios se usam em carruagens de terceira classe, e as praças de infantaria dezassete levam as espingardas aperradas, talvez baioneta, quem vem lá passe de largo, saindo ao campo dez de cada vez que o comboio pára, por prevenção de assaltos e tentativa de libertação dos presos. Não estão autorizados a dormir os pobres soldados e fitam nervosos os rostos duros e sujos dos cinco malandrins, tão parecidos contigo. E quando se me acabar o tempo da tropa, sei lá, irmão, se não haverá outro soldado que me prenda e leve desta maneira a Lisboa, no comboio da noite, na escuridão desta terra, Hoje sabemos que dia é o nosso, amanhã quem o dirá, Emprestam-te uma espingarda, mas nunca te disseram que a apontasses ao latifúndio, Toda a tua instrução de mira e fogo está virada contra o teu lado, é para o teu próprio e enganado coração que olha o buraco do cano da tua arma, não percebes nada do que fazes e um dia dão-te voz de atirar, e matas-te, Calem essa boca, sediciosos, que em Lisboa vos cantarão o recado, nem imaginam quantos anos vão estar à sombra, Sim, Lisboa é uma grande cidade, têm-nos dito que a maior do mundo, é lá que mora a república, por direito nos hão-de pôr em liberdade, Há leis.

Estão agora dois grupos de trabalhadores frente a frente, dez passos cortados os separam. Dizem os do norte, Há leis, fomos contratados e queremos trabalhar. Dizem os do sul, Sujeitam-se a ganhar menos, vêm aqui fazer-nos mal, voltem para a vossa terra, ratinhos. Dizem os do norte, Na nossa terra não há trabalho, tudo é pedra e tojo, somos beirões, não nos chamem ratinhos, que é ofensa. Dizem os do sul, São ratinhos, são ratos, vêm aqui para roer o nosso pão. Dizem os do norte, Temos fome. Dizem os do sul, Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por esse jornal, ficamos nós sem ganhar. Dizem os do norte, A culpa é vossa, não sejais soberbos, aceitai o que o patrão oferece, antes menos que coisa nenhuma, e haverá trabalho para todos, porque sois poucos e nós vimos ajudar. Dizem os do sul, É um engano, querem enganar-nos a todos, nós não temos que consentir neste salário, juntem-se a nós e o patrão terá de pagar melhor jorna a toda a gente. Dizem os do norte, Cada um sabe de si e Deus de todos, não queremos alianças, viemos de longe, não podemos ficar aqui em guerras com o patrão, queremos trabalhar. Dizem os do sul, Aqui não trabalham. Dizem os do norte, Trabalhamos. Dizem os do sul, Esta terra é nossa. Dizem os do norte, Mas não a querem fabricar. Dizem os do sul, Por este salário, não. Dizem os do norte, Nós aceitamos o salário. Diz o feitor, Pronto, temos conversado, arredem lá para trás e deixem os homens pegar ao trabalho. Dizem os do sul, Não entregam. Diz o feitor, Entregam, que mando eu, ou chamo a guarda. Dizem os do sul, Antes que a guarda chegue, correrá aqui sangue. Diz o feitor, Se a guarda vier, ainda mais sangue correrá, depois não se queixem. Dizem os do sul, Irmãos, dêem ouvidos ao que dizemos, juntem-se a nós, por alma de quem lá têm. Dizem os do norte, Já foi dito, queremos trabalhar.

Então o primeiro do norte avançou para o trigo com a foice, e o primeiro do sul deitou-lhe a mão ao braço, empurraram-se sem agilidade, rijos, rudes, brutos, fome contra fome, miséria sobre miséria, pão que tanto nos custas. Veio a guarda e separou a briga, bateu para um lado só, empurrou à sabrada os do sul, amalhou-os como animais.